JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio
avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

A Concorrencia e o Capital

Vejamos ainda se alguma coisa póde salvar-se das affirmações dos escriptores reaccionarios.

Segundo elles, esta lucta, esta lei da concorrencia, como lhe chamam, é que é a determinante de todo o progresso humano. Assim, abstraindo nós já do aspecto biologico, poderiamos ainda acreditar o seguinte: Para o desenvolvimento puramente organico da especie a lucta das classes não tem effeitos nenhuns; porém sob o ponto de vista a civilisação, ella serve a sua causa, promovendo o seu engrandecimento, isto mesmo acceitando que possa haver verdadeira civilização que seja fundada na miseria e nas injustiças sociaes.

Na vida devem triumphar os mais fortes, dizem. Mas, na verdade, não são os mais fortes, os que triumpham, mas os mais ricos. Por cada homem vigoroso e trabalhador, mas soffrendo uma existencia cheia de contrariedades, ha sempre um fraco e ocioso vivendo a vida descuidada dos inuteis.

Vejamos o progresso que isto dá. Começemos pela familia. O fraco, mas rico, será disputado pelas mulheres. Poucas serão as que desdenharem entregar o seu corpo forte, destinado a uma maternidade fecunda e natural, ás caricias d'um homem que, com ser rico, lhes não evitará do futuro a tortura de as fazer mães de creanças rachiticas. E ahi temos nós uma familia constituida sobre uma base immoral e evolucionando fóra da natureza. No entanto é esta a familia d'um dos denominados *mais fortes*.

No campo politico. Toda a gente sabe como se fazem os deputados. Para as eleições, o candidato que ponha empenho em vencer terá de esperdiçar parte do seu dinheiro na compra dos votos e dos serviços de galopinagem. Entretanto, fóra d'esse circulo ambicioso de banaes que aspiram á evidencia e ao renome, estão todos os que a sorte não bafejou, todos os que não possam comprar essa cubiçada situação, Segundo os escriptorios reaccionarios, os primeiros é que são os mais fortes, capazes de todo o progresso na politica e da melhor administração do seu paiz. Haja embora individuos, muito mais talentosos e dignos, que fariam pelo menos um trabalho mais bem intencionado e mais intelligente do que o que têem feito certos governantes assim permitivamente lançados Ninguem convencerá esses escriptores de que aquelles sejam os mais fortes, porque não tiveram dinheiro para se bacherelarem e maniganciarem na politica.

II

Na industria. Costumam os escriptores burguezes repizar demoradamente este ponto, com o seu ar victorioso de infalliveis, decretando a verdade das coisas. E, como a apparente conciliação dos factos os não desmente de prompto e d'um modo radical, firmam ahi em regra a maior parte da sua argumentação contra o advento d'uma sociedade em que a lucta do capital não poderá travar-se. Assim dizem: a lei da concorrencia é tudo; por ella se operam os maravilhosos aperfeiçoamentos industriaes, e se procura levar aos mais longinquos recantos do mundo tudo quanto seja uma modificação progressiva nos habitos da vida, abrindo mesmo entre os povos menos cultos novas necessidades impulsionadoras de civilização.

E tudo porque? Porque a actividade industrial está confiada aos mais fortes. A pequena industria, impotente, com a exiguidade dos seus recursos e a restricta esphera da sua acção para emprehender grandes commettimentos, foi absorvida pela grande industria. Então o trabalhador domestico é substituido pela machina e pelo operariado. Formam-se as grandes fabricas, organisam-se os syndicatos e toda uma revolução se opera na vida industrial.

De simples entretenimentos caseiros, sem preoccupações, improgressivos porque tradiccionaes, a industria, assentando sobre a força do capital, consegue crear importantes profissões laboriosas. E assim, num grande movimento de progresso, as transformações da industria vão tornando a vida cada vez mais confortavel, chegando hoje a ser incomprehensivel essa figura já quasi lendaria do homem primitivo, de aspectos selvagem e durezas de animal bravio, que da vida não devia ter conhecido senão o matto hirsuto onde fizesse por ventura poiso e o pedaço de carne crua de que se alimentasse.

Para isto foi preciso que a industria ficasse nas mãos dos mais fortes, em detrimento dos que até então mal a poderiam fazer manter mesmo sem procurar dar-lhe maior desenvolvimento. Só assim se poderia ter alcançado o grande incremento que a industria attingiu num breve espaço de tempo tendo-se realizado nos seus processos uma completa transformação e sendo hoje uma das maiores manifestações do progresso humano.

III

E' esta a maneira como os escriptores conservadores encaram os factos; mas, quanto a nós, erradamente. Ainda neste caso, a theoria darwinista não póde applicar-se, ou, applicando se, não é ella em proveito da actual sociedade.

Vejamos em que consiste esse poder precioso de certos industriaes que os faz preponderar sobre os outros. Será porque são mais intelligente e mais trabalhadores—isto é os mais aptos? Não. Simplesmente por isto — porque dispõem de mais capital.

E o que é capital no caso que nos interessa? E' tudo isso quanto constitue o necessario para o funcionamento do trabalho. De modo que, socialisado que seja o capital, a tal superioridade d'esses industriaes desapparece. O que ha por traz d'elles é uma entidade fictica—esse capital— que no fundo é ainda um producto do trabalho e não póde viver nem ter valor sem elle. E' tal a importancia d'esses pretendidos individuos mais aptos que póde d elles prescindir-se; o capital, esse é que é necessario e póde existir independentemente do capitalista. Dá-se até a curiosa circumstancia de o trabalho se tornar mais productivo quando libertado d'esses senhores mais aptos, cuja aptidão, bem vistas as coisas, consiste apenas em reter, contra o direito de todos, esse mesmo capital, que, sendo a condição indispensavel do trabalho de tantos homens, não póde pertencer exclusivamente a um só.

Depois da revolução, dizem, quando se tenha feito a expropriação, quando tenha acabado o regimen do patronato, a industria desapparecerá. Faltar-lhe-ha a concorrencia a incitá-la. Deixará de haver o interesse de produzir melhor e de vulgarisar os productos. Será um verdadeiro estacionamento.

Pelo contrario, a concorrencia continuará; apenas modificada. Collocando a questão, por exemplo, sob o aspecto libertario, a concorrencia operar-se-ha na federação dos grupos de producção e de consumo. Cada um dos grupos, conhecendo a facilidade com que os outros poderam desligar-se d'elles, se os seus productos forem maus, tratará de produzir o melhor possivel, para ter o direito de o exigir pela mesma fórma aos outros. Com o desapparecimento do dinheiro que a origina mas as differentes necessidades dos individuos.

Ha ainda a descontar alguma coisa nos enthusiasmos de certos economistas pelos effeitos da concorrencia actual. Por mais util que ella seja, não tem ainda a importancia que terá no futuro, quando libertada da ganancia mercantil. Assim a concorrencia de hoje se impulsiona a industria, tambem teem concorrido, em parte para a prejudicar. E um facto que, por causa da concorrencia, um grande numero de industriaes, no intuito de competir em barateza com os outros, procura realizar os seus productos, gastando o menos possivel com a materia prima e a mão d'obra. A consequencia é a má qualidade dos productos e até a sua falsificação. E isto porque o fim principal a que na actual sociedade aspira cada industrial é enriquecer-se.

Na sciencia. E' curioso ver aqui o triumpho dos mais fortes. Os mais fortes n'este caso serám os diplomados. E é notavel como em toda a parte a sciencia official, imposta dogmaticamente, embaraça a verdadeira sciencia, aquella que sabe, desprender-se de preconceitos e evoluciona livremente, de harmonia com a razão apenas. Como o estado só reconhece a primeira, comprehendem-se as difficuldades de capital, que muitas vezes se não podem remover, para certas missões scientificas. Depois, ao passo que os sabios officiaes são beneficiados, porque sabem estacionar numa certa phase da sciencia e sabem omittir as imprudentes revelações de certas verdades compromettedoras, os outros; os que dizem toda a verdade, são hostilizados e correm o risco por vezes de cair sob o codigo penal, porque atacam a religião do Estado, e de ser perseguidos, exilados e mesmo condemnados á morte, porque altivamente veem annunciar á multidão que as suas miserias e as suas dores ainda ham-de ter um fim no dia em que essa mesma multidão se erguer e fizer a revolução social. E' a continuada ou tantas vezes repetida historia de Galileu.

E é, em nome do triumpho dos mais fortes, que os escriptores burguezes defendem a sciencia official e a apresentam como uma das coisas mais gloriosas. Só lhes falta lembrarem-nos que elles tambem, sabios officiaes, sam glorias authenticas.

Onde porém mais se revela quanto é falso esse pretendido triumpho dos mais fortes é na arte. Para se alcançar em curto espaço de tempo uma situação economica feliz, o primeiro cuidado do litterato será escrever, não os *Lusiadas*, mas... a *Irmãsinha dos Pobres*. Deverá recalcar todo o seu sentimento artistico e transigir infamemente com o editor Se é honesto e talentoso, póde, mesmo sem transigencias, triumphar um dia. Mas, para isso, é preciso soffrer as maiores contrariedades, sentir os grandes desalentos e quantas vezes as torturas da fome. Sirva de exemplo a vida de *Zola*, o quanto esse homem soffreu antes de triumphar, escorraçado de toda a parte, repudiado pela imprensa e pelos editores e alimentando-se com pão e azeite. Mas, a par d'este, quantos outros não succumbem, incomprehendidos e cheios de talento? O tal predominio dos mais fortes tem evitado meia litteratura, da melhor, da mais genuina e levantada, porque é exactamente esta a que é combattda numa sociedade que ainda balbucia as primeiras palavras da verdade nova.

Conte-se agora o numero de individuos que foram forçados pelas circumstancias da vida a seguir uma profissão differente, tendo no entanto maiores predisposições para a arte do que para essa profissão, onde ham-de ser sempre uns inadaptados. Contem-se ainda aquelles que poderiam ser dos mais talentosos e mais aptos, se as condições economicas lhes tivessem permittido adquirir uma educação litteraria e artistica. Convir-se-ha então no extraordinario desenvolvimento que a arte teria numa outra situação economica. A arte não tem evolucionado pelo triumpho dos mais fortes. Deve corrigir-se assim: a arte tem evolucionado, apesar do triumpho dos que se dizem os mais fortes.

Sem precisarmos de analysar mais demoradamente a maneira como póde entender-se uma applicação da lei darwinista á actual sociedade, podemos já concluir que tal lei se não realiza inteiramente. E, para frizar mais o contraste entre o que pensamos e o que dizem os escriptores reaccionarios, poderemos acrescentar: essa lei não se verifica presentemente d'um modo completo por causa das perturbações da má organização da sociedade, e, para que tal lei accione poderosamente, será preciso fazer a reorganização social sobre uma base de liberdade.

Sob o ponto de vista meramente biologico, a lei darwinista cumprir-se-ha do modo seguinte: As ligações sexuaes serám feitas inteiramente de harmonia com a natureza. Os fortes procurar-se-hão instinctivamente. Os degenerados, porque o são, tambem para se juntarem irám buscar outros degenerados. Estas ultimas ligações terám como consequencia a depressão do numero de degenerados, porque providencialmente a infecundidade é um dos caracteriscos da degenerescencia. As primeiras serão, ao contrario das ligações de hoje, a realização integra da lei natural da reproducção da especie. Emquanto que actualmente o que predomina é o dinheiro, com a sua influencia deprimente, no futuro predominará o instincto da especie.

Campos Lima

O CULTO

Eram os christãos odiados por escarnecerem dos deuses, dos sacrificios, dos templos, e do sacerdocio pagão.

Viveram, todavia, tranquillos durante um seculo até que Nero lhes imputou o incendio de Roma; e d'ahi começaram as perseguições; querendo destruir as crenças do imperio romano, desobedecendo ás leis e ás auctoridades, principalmente emquanto ao serviço no exercito, considerados como facciosos, era natural, que os perseguissem.

Trajano responde a uma consulta de Plinio, o novo, dizendo, que não deviam ser punidos, como christãos, mas por infringirem as leis nacionaes. O bispo Militon na sua apologia accusa de perseguidores só os mais perversos dos cezares. Euzebio, Hist. Ecclesiast. 1. 3, cap. 23, e 1. 4, cap. 26.

Porém, no tempo dos bons imperantes, quer por um motivo, quer por outro, não evitaram os supplicios; as perseguições, comtudo, não foram continuas, houve intervallos de mais ou menos tolerancia.

O proprio Marco Aurelio mostrou-se intransigente—obtiveram annos de paz no governo de Cómmodo Severo foi cruel—depois gosaram de longo socego. Diocleciano tolerou-os por vinte annos —por ultimo as suggestões dos seus collegas persegue-os da maneira mais terrivel.

E assim como pelo decurso do seculo terceiro ergueram santuarios, um d'elles na Nicomedia, defronte mesmo do palacio imperial,

e as perseguições não haviam ainda cessado; porque razão nos dois primeiros seculos os não tiveram, mórmente no primeiro, em que não foram perseguidos?

E' que a doutrina seguida então os não admittia. ou dispensava-os—e quando foram construidos, já eram outras as tendencias religiosas; ha muito que se aberrara do Evangelho.

O mais curioso é invocar-se o testemunho de Minutius Felix em favor do erro historico, que combatemos.

Do seu livro, um dialago entre Octavius, christão, e Cæcilius, partidario da religião grega e romana, se vê, que pelos fins do 2.º reinava a fé pura, e espiritualidade evangelica, e não se adpotavam as praticas materiaes, até ahi sempre condemnadas e reprehendidas no paganismo.

Responde Minutius Felix aos romanos: «Se acreditaes que por *não termos templos nem altares* occultamos as nossas adorações —enganai-vos—quem guarda a sua innocencia serve o senhor nos nossos olhos—o homem justo, *só porque o é*, faz offerendas, que lhe são agradaveis—o que livra os homens de qualquer perigo, immola a melhor das victimas —*eis aqui os nossos sacrificios*— entre nós o mais justo é o mais religioso—emquanto ao deus, que adoramos, não podemos *mostral-o*" nem vel-o, cremos precisamente, porque elevando-nos a elle pelo *sentimento*, vel-o, nos é impossivel.» Octavius, pag. 36.

Aqui affirma, que os christãos seus contemporaneos não teem templos nem altares.

Expõe a doutrina que os exclue, ou se oppõe á sua necessidade, e á sua existencia, e que obsta a qualquer representação do Ente Supremo.

Declara, que na sua epocha as praticas virtuosas substituiam os sacrificios,

E' uma refutação completa.

Emquanto ás imagens foram a causa de luctas e carnificinas.

A questão durou 120 annos: um concilio de Constantinopla prohibiu-as. A primeira vez que se tratou de imagens foi no concilio de Illiberas, tresentos annos depois de Christo. Lactancio diz: Nec intelligent homines ineptissimi, quod, si sentire simulacra et moveri possent, adoratura hominem fuisserit a quo sunt exposita.

Citemos o concilio de Francfort escreveu-se nas suas actas o seguinte ácerca da opinião dos santos padres relativo ás imagens.»

Omnimodis adorationem et *servituem* renuentes contempserunt —atque consentientes condemnaverunt.

Comtudo o seu culto passou o dogma.

II

Todas as religiões positivas, anteriores ao christianismo, descrevem e prescrevem com rigor as suas formas, os ritos.

No Evangelho nem descrevem, nem prescrevem.

Objecta-se, que adoração em espirito e em verdade como J. Christo a recommenda na sua resposta á Samaritana, não repelle o culto material, uma vez que se acompanha do sentimento

Aceitamos por ora esta intelligencia, que mais tarde regeitaremos. Se assim se intende, os ritos, *por si sós*, nada valem—não possuem effeitos proprios, sobrenaturaes e divinos.

E para tel-os era preciso, que J. C. lh'os attribuisse expressamente.

Ora não só os não prescreve! mas não attribue ás exterioridades qualquer effeito, qualquer recompensa.

Portanto são, pelo menos desnecessarios, e não podem ser obrigatorios.

A mesma cerimonia, symbolo da sua presença na terra é uma memoria, não é um preceito, e á sua observancia não ligou uma graça qualquer, nem á sua falta um castigo.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

A ESTRELLA MAIS VISINHA

Ainda se presume ser a estrella—*Alpha do Centano*—a mais proxima de nós, a uma distancia *duzentas e trinta e quatro mil vezes maior* que a da terra ao sol!

E a terra dista do seu astro *trinta e sete* milhões de legoas!

A orbita, que muitas descrevem, é tal, que apenas em cem annos percorrem um arco de alguns segundos. A forma do ceu, ou a maneira como as constellações se acham dispostas, varia com o tempo.

Para chegar á terra gasta a luz solar oito minutos e quinze segundos, e a luz da estrella **61** do *Cysne* doze annos. Calcule-se por ahi a sua distancia.

Por um movimento de translação, e curvilineo como da necessidade da ordem celleste se conclue, é levado o nosso astro para a constellação de **Hercules**, mas não é possivel calcular-se a trajectoria, nem o centro, onde reside a força, que determina esse movimento.

O padre Secchi, director do observatorio romano, publicou em 1872 as suas observações astronomicas, e diz-nos:

1.º—Que foi outrora o sol uma nebulosa; (do estado de fusão da terra tambem se pode interir o mesmo, basta só refletir que devia precedel-o o estado gazoso.

Esta conjectura inspirou alguns versos do *Firmamento.)*

2.º—Pelo arrefecimento a massa do sol nebuloso separou-se em planetas e satellites.

3.º—Ainda conserva com pequenissima differença o calor, que resultou de se ir condensando, e da precipitação das particulas exteriores menos quentes attrahidas para o centro—e vice-versa, d'onde resulta um grau prodigioso d'electricidade.

4.º—Esta massa enorme perderá um dia o seu brilho actual—mas só depois de milhões e milhões d'annos.

Ora tudo isso está indicado nas estancias do *Firmamento*, e o attribuir essas e outras inducções a Soares de Passos, incapaz de qualquer concepção scientifica' como podem attestal-o os que ainda d'elle se lembram, ao Passos que no proprio soube d'essa poesia não suspeitou a denuncia do seu abuso de confiança, é maior insensatez que a do inconsciente plagiario.

Já em 1853, quando compuz o *Firmamento*, suppunha ser electrica a luz do sol—e que as manchas não eram denunciativas da sua extincção futura—mas lendo em Arago a sua maneira de conceber a constituição do astro, sem todavia aceital-a, escrevi a estancia, que se segue

Que são ellas? talvez os restos frios
D'algum antigo mundo
Que lá referve em borbotões sombrios
Em teu seio profundo

Mal terminei estes versos feitos de repente, vi que se contradizem e fazem rir.

Restos frios? no sol? A referverem? e no seio do astro? sombrio?

Era forçoso corrigil'os mas não era facil compor outros, que os substituissem.

Deviam ser eliminados, como notei a Soares de Passos, quando lh'os recitei na famosa noite de Coimbra em 1854.

Mas o Passos não podia fazel'o e assim os deixou.

Tambem queria corrigir a estancia, que remata assim.

Debaixo d'elles todos de repente
Apagarás teu vascillante brilho!

O principio da conversão do movimento em calor seguido na poesia, não permittia esse remate.

Pois a queda dos planetas no sol em vez de apagal-o havia de contribuir para aviaar-lhe ou conservar-lhe a chamma.

O contrario do que diz a estancia! Está calculado, que a terra cahindo no sol conservaria durante 95 annos a sua energia.

Venus durante 84
Mercurio durante 7
Marte durante 13
Jupiter durante 32254
Saturno durante 9652
Uranus durante 1610
E Neptuno durante 1890.

A queda de todos os planetas no sol, diz Flammarion produzira o calor bastante para *quarenta e seis mil annos!*

Ficou a minha poesia incorrepta n'essa e ainda n'outras estancias.

Ainda teve para mim mais este dissabor o roubo impudentissimo do snr. Passos.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

A luz electrica

Vimos por copia publicada na «Discussão» uma exposição de factos feitos pelo snr. James Searle, relativamente ás deligencias, que empregou sobre o projecto gerado da illuminação a luz electrica d'esta villa.

Fazem-se ahi accuzações infundadas e affirmações falsas, occultando-se, por vezes, a verdade, o que não podemos deixar passar, sem reparo.

O fracasso de tal melhoramento deve-se, unica e simplesmente ao snr. Searle.

Este cavalheiro appareceu em Ovar, com cartas de apresentação, como diz, e dirigindo-se ao presidente da camara, perguntou-lhe se a camara acceitaria a illuminação a luz electrica por preço modico.

A resposta affirmativa; pelo que aquelle cavalheiro, passados tempos, indicou os preços, por que podia fornecer a luz. Esses preços foram acceites, e serviram de base para o concurso, que foi aberto, ao qual, apenas, appareceu o proponente, a quem foi feita a adjudicação.

Até esta altura, nunca o snr. Searle viu necessidade de pedir auxilio ao capital d'Ovar nem ouviu pessoa alguma d'aqui, sobre os preços a fazer.

Feita a adjudicação, porém, declarou que era absolutamente necessario, para que a empreza fosse por deante, que se conseguisse aqui a collocação de 2:000 acções, garantindo elle de palavra, um juro de 10 0|0.

Quem conhecia o meio, objectou-lhe, que essa exigencia não podia ser satisfeita, mas que tomava a responsabilidade de lhe conseguir um emprestimo até á quantia de cem contos de reis medeante o juro de 5 0|0 ou 4,75 ao anno, logo que fosse garantido por qualquer casa bancaria, de credito reconhecido.

N'esta occasião, dizia o snr. Searle, que a montagem e installação da luz custaria 20:000 £.

Não houve quem garantisse o emprestimo, pelo que se recorreu ao expediente das obrigações, accordando-se muito expressamente, em que a sua importancia nunca iria além de metade do capital necessario para a montagem e installação da luz n'esta villa.

E porque o snr. Searle dizia, que o capital preciso eram 10:000 £. tratou-se de conseguir 5:000, o que foi subscripto facilmente.

Este capital era garantido com hypotheca e penhor sobre todos os haveres da companhia adjudicatoria existentes n'esta villa.

Depois d'isto averiguou-se, com toda a segurança, que a montagem custaria 5:000 £. com pequena differença e que a planta da villa e mais trabalhos feitos nada havia custado ao snr. Searle, ou a

FOLHETIM

O PECCININO
OU
O Bandido Nobre
POR
GEORGE SAND

Miguel tinha já visitado este santuario, mas á pressa, como se sabe, e, quando ahi esteve sentado durante o baile, com Magnani; estava tão excitado, que não pudera observar a sua disposição, nem as entradas.

Introduzindo-se ali pela escarpadura da rocha, pôde melhor dar conta da situação d'esta belveder, e notou que era construida em um estylo tão arrojado, que era bem uma fortaleza: a escada talhada na propria rocha, favorecia mais uma sahida do que uma entrada; porque estava tão comprimida entre duas paredes feitas de lava e era tão ingreme, que a mão d'um ser fragil bastaria para repelir e precipitar um visitante indiscreto ou perigoso. Havia mais, no ultimo degrau d'esta escada sem a menor transição para o mais pequeno terraço, uma grade côr d'ouro, de estreiteza e altura singulares, mettida entre duas delgadas columnas de marmore.

A' direita e á esquerda, a parte exterior de cada pilastra era o precipicio a pique, coroado apenas d'estas pesadas volutas de ferro no gosto do seculo desassete que se assemelham a dragões fantasticos irriçados de dardos em toda a sua circumferencia; ornamente com dois fitos, dificultar a passagem quando não houver nenhum apoio, e ter um precipicio sob os pés.

Esta especie de fortificação não era superflua n'um paiz onde os bandidos montanhezes se aventuram tanto nas encostas como nas planicies, até ás portas das cidades.

Miguel examinou-as com a satisfação do amante zeloso, mas o Peccinino não lhes ligou importancia, e permittiu-se mesmo dizer, subindo a escada, que era uma cidadela de bonbon, que faria grande effeito no deserto,

Miguel tocou a campainha do modo combinado, e a porta abriu-se immediatamente. Mui erto estava uma dama escondida esperando com anciedade. Favorecida pelas trevas apertou a mão do joven pintor, quando entrava, e, n'este doce aperto reconhecendo elle a princeza Agatha, estremeceu, e ficou estonteado; e o Peccinino, para quem não havia comoções, tirava, entretanto, a chave que Miguel, ao annunciar-se tinha mettido na fechadura, e escondia-a na cinta, fechando a grade. Quando Miguel deu pelo esquecimento ja não havia tempo de o reparar. Estavam os tres no camarim da princeza, não era por isso occasião de questionar com um homem tão desprovido de temor como era o filho de Destastore.

Agatha estava informada quanto possivel sobre o caracter e costumes do homem com quem era preciso entrar em relações. Era ella bem natural do seu paiz para ter prejuizos serios contra a profissão do bandido, ê estava resolvida a fazer os maiores sacrificios argentarios para se assegurar dos seus serviços.

Apesar de tudo, sentiu ao vel-o na sua presença uma impressão de desgosto, que muito a custo reprimiu; e quando elle lhe beijou a mão fixando-a com olhar atrevido e escarninho, acometeu-a um mau estar doloroso, a sua figura alterou-se sensivelmente' posto que soubesse manter-se agradavel e delicada.

Sabia que a primeira precaução a observar era louvar a secreta vaidade do aventureiro, sendo para com elle muito attenciosa dando-lhe prudentemente o nome de *capitão*, e mandando-o sentar á sua direita, emquanto que Miguel era recebido mais familiarmente, designando-lhe uma cadeira quasi atraz de si, junto do espaldar da «chaise-long.» Inclinada um pouco sobre elle, e apoiado o cotovelo muito perto d'uma sua espadua, como para estar prompta a avisal-o com um movimento fortuito na aparencia, dispunha-se a entrar no assumpto.

Mas, o Peccinino, a quem não passou desapercebido este ensaio de conivencia, parecendo-lhe estar muito distante d'ella, abandonou o seu fauteuil, e sem maneiras, foi sentar-se ao lado d'elles, no sofá.

N'este momento, o marquez de la Serra, que esperava provavelmente em algum aposento visinho que a conversção se travasse, entrou sem se fazer annunciar, saudou com um movimento de cabeça o bandido, e sentou-se ao pé de Miguel, depois de apertar-lhe a mão. O joven pintor sentiu-se mais animado com a presença d'aquelle que não podia deixar de ter por seu rival. Tinha já perguntado a si mesmo se dentro em pouco não seria tentado a atirar o Peccinino pelas janellas fóra, mas como este excesso havia de provocar graves inconvenientes, esperou que o aventureiro retraido pela figura grave e seria do marquez não ousassa sahir dos limites da conveniencia.

O filho do Destastore sabia muito bem que não corria perigo de ser traido pelo marquez, até gostou de ver este nobre senhor ser testemunha da aliança que se fazia com elle, Peccinino, e da qual o marquez ia necessariamente ser um membro

«O senhor de la Serra é pois meu amigo e meu cumplice? pergunta o bandido a Agatha n'um tom de reparo.

—O senhor Carmelo, responde o marquez, ignora, sem duvida, que fui um parente proximo do principe de Castro-Real, e que, por consequencia tambem o sou vosso. Era muito novo ainda quando a policia finalmente descobriu o verdadeiro nome do Destastore; e talvez não ignoreis tambem que dispensei ao proscripto importantes serviços.

—Conheço assaz bem a historia de meu pai, e basta-me saber que o senhor de la Serra transferiu para mim a consideração que lhe concedia.

Satisfeito na sua vaidade, e resolvido a não representar um papel ridiculo, disposto tambem a fazer abater á volta de si todas as vontades, o Peccinino qniz fazel-o com espirito e bom gosto. Apressou-se pois a tomar sobre o sofá uma pôse simultaneamente seria e graciosa, dando ao seu olhar, insolente e lascivo, uma expressão de interesse affectuoso, com alguma aparencia de respeito.

A princeza, succintamente, começou então a expor-lhe o negocio, quasi pelas mesmas palavras de que Frei Angelo se tinha servido para fazer sair o lobosinho da toca. O Peccinino ouviu-a e nada na sua phisionomia traiu a incredulidade que acompanhava a sua attenção.

Mas, quando a princeza acabou de fallar, repetiu, sobranceiramente, a sua questão *sine qua non* do testamento e declarou que, n'um caso destes, julgava ser o rapto do abade Ninfo uma precaução muito tardia, e a sua propria intervenção um trabalho e despeza inuteis.

(*Continua*)

Clara de Miranda.

pessoas em nome ou por conta de quem elle trabalhava.

Organisaram-se então as condições, em que seria subscripto o capital das obrigações, reunindo-se os subscriptores, e o snr. Searle para as discutir.

As condições, que este não acceitou eram duas: 1.ª Que o capital emprestado nunca excederia a 50 °|₀ do custo da montagem e installações a fazer; e quando não houvesse accôrdo sobre esse custo seria a avaliação feita por tres peritos, sendo um nomeado por cada uma das partes e o de desempate pelo Juiz de Direito d'esta comarca; 2.ª Que o capital das obrigações só seria entregue depois de a companhia adjudicatoria provar que havia pago todo o material e machinismo adquirido, eu que a casa fornecedora disistia do privilegio mobiliario, que tinha sobre elles.

Em compensação, os obrigacionistas garantiam o seu compromisso, tomado com fiança edonea ou com hypotheca sobre os seus bens.

De que lado está a razão?

Quem tinha motivo para desconfianças?

A primeira condição regeitada tinha sido acceite desde o principio das negociações, augmentando-se, simplesmente, a circunstancia da avaliação para a hypothese de não haver accordo sobre a importancia do custo e montagem do material.

Evidentemente, que o preço não devia ser o que a companhia adjudicatoria quizesse dizer. Demais já tinha havido indicações erradas e falsas sobre o custo.

A 2.ª condição regeitada era absolutamente necessaria para garantia do capital emprestado, como é de facil intuição, desde que a casa fornecedora do material e machinas, por lei tinha direito a receber a importancia do seu fornecimento, primeiro que qualquer outros creditos.

Que faltou, pois ao factuado?

Foi o snr. Searle, que imaginou poder explorar em seu proveito o capital d'Ovar, sem que o seu corresse qualquer risco.

Foi verdade um dos obrigacionistas dizer no acto das condições do emprestimo, que desde que a montagem custava 6:000 L. quem dava 5:000, podia dar mais o restante, e então administrar, o que lhes pertencia, sem necessidade de recorrer a inglezes ou outros quaesquer extranhos.

E disse e pensou muito bem, no que foi appoiado por todos os presentes.

E só por esta circumstancia, é que o snr. Searle pediu mais uma prorogação de prazo, não para beneficio de Ovar, mas para vêr se conseguia receber algumas libras pela passagem da concessão.

Puro engano; porque desde que os subscriptores do emprestimo se resolvessem ou resolvam a fornecer a luz electrica, a camara abriria novo concurso.

Eis a historia fiel dos factos com omissão das circumstancias sobre a forma como se pretendeu conseguir *accionistas*.

Questão... á parte

Um *engraçado* rabiscador do *ex-Progresso* que tanto abusa das reticencias como da mentira, vem no ultimo numero d'aquelle *papel* com uma insinuação indigna e torpe, pertendendo ferir a reputação de quem está fóra do alcance dos salpicos da lama em que elle chafurda.

O chefe *sallesiano* d'esta nossa bôa terra que tudo aguenta, lançando mão da insidia e da intriga —unicas armas que sabe manejar —informou rafalsadamente o dito rabiscador e este, por sua vez, cuspiu em publico e atabalhoadamente a saliva que o *outro* lhe emprestou.

Diz elle, o...*quasi reverendo*, a laia de phonographo, que a lucta sustentada por este jornal contra a *companhia sallesiana* e seus sequazes, apenas obedece a uma questão particular, a uma questão *de cêra*...

Ao rabiscador nada temos que dizer sobre o assumpto, porque é um perfeito irresponsavel, o que vulgarmente se chama um *testa de ferro*.

Ao *outro*, sim, ao untuoso *chefe*, ao piedoso director do rebanho sallesiano.

A esse senhor temos a dizer que por dever do seu officio tem restricta obrigação de não mentir de não intrigar, como de resto é seu costume.

Esse senhor bem sabe que essa questão *da cêra* é apenas um pretexto para abocanhar reputações alheias e para exercer vinganças mesquinhas. E tão grande é a sua cegueira, tão fundo o seu odio, que nem ao menos se lembrou de que *essa questão* está sancionada com a sua assignatura!

Não é isso motivo bastante, verdade seja para que o publico possa avaliar da lisura e honradez de quem quer que seja pois qualquer pessoa de bem não pode de forma alguma depender de quem não preza a sua dignidade; mas é a prova mais esmagadora que irremediavelmente o intriguista ás vaias da populaça que vê a intrujice desmascarada.

Mas está bem! E' necessario que essa questão seja posta em publico, detalhadamente, claramente. Intimamos os detractores das reputações alheias a abandonar, as meias palavras e as reticencias, para se apresentarem de fronte levantada e seguros nas suas affirmativas.

Se o não fizerem assim, não passarão de uns canalhas a quem toda a gente deverá voltar as costas n'um movimento de repulsão.

Vamos, venha a accusação clara e franca e acabem-se as reticencias.

Que o *chefe* informe o rabiscador de forma que elle não nos appareça a *coxear*, e depois fallaremos.

Ah! como nós temos tanto para dizer! E ainda tinhamos commiseração para não desenrolar o sudario de miserias que piedosamente tinhamos a arumado para um canto!

Pois querem que o sudario appareça elle ha-de apparecer.

Vão ensaiando o *miserere*.

CANTIGA PARA AS ESFOLHADAS

Nunca seria alvejado
D. Carlos pelo Buiça,
S'estivesse acocorado,
Por detraz d'uma nabiça.

Já chegou o Borda-Leça,
Já fez uso da seringa;
Agora já cresce o *nabo*,
A nabiça já se *vinga*.

Chuva não cria nabaes,
Quando cae só pinga a pinga;
Mas, tambem, quando é de mais,
A nabiça não se *vinga*.

Dizem que ha um certo amôr,
Entre a propria hortaliça;
Muda *o nabo* até de côr
Chegando ao pê da *nabiça*.

Não tenham mêdo das bruchas,
Que nenhuma nos enguiça,
Se trouxermos no chapéu
Uma folha de *nabiça*.

Entre o *nabo* e a *nabiça*,
Ha tanta intimidade,
Que nos faz lembrar do Bocage
A historia do *burro e do frade*...

Para dar á guerra cabo,
(Sem mesmo sermos *Buiças*,)
Vamos acabar c'o *nabo*
E c'o... *alfobre das nabiças*.

NOTICIARIO

TEMPO

O tempo, durante a semana finda, foi vario, ora de chuva, ora de sol, mas quer n'um, quer n'outro caso sentiu-se sempre calôr.

Subscripção aberta no Pará pelo nosso amigo e conterraneo David Rodrigues da Silva, destinando-se o seu producto em beneficio do fardamento da phylarmonica "Ovarense,,:

David Rodrigues da Silva	20$000
José dos Santos Souza	10$000
Francisco Neves d'Azevedo	8$000
Bernardo André d'Oliveira	5$000
Antonio A. Pereira de Carvalho	5$000
Miguel Maria da Silva	5$000
Jacyntho Nogueira	5$000
Duarte da Silva	5$000
José de Jesus e Silva	5$000
Manoel Ribeiro	5$000
Domingos F. Cabral	5$000
Bernardino José de Queiroz	5$000
Reis	83$000

que produziu a quantia de reis fortes 25$850.

A commissão agradece, penhoradissima, a todos os subscriptores pelas quantias, que dispenderam em beneficio d'esta phylarmonica.

A COMMISSÃO

O Presidente —*Antonio d'Oliveira Mello*
O Thesoureiro—*Manoel Ferreira Dias*
O Secretario —*José Maria da Costa e Pinho.*

PESCA

Houve, poucas vezes, trabalho de pesca, tendo havido lanço de quantia superior a 900$000 reis.

—Consta ter havido um naufragio na Costa de S. Jacyntho. na passada quarta-feira, perecendo afogados oito homens.

PARTIDAS

Partiu para o Pará o Snr. Antonio Dias de Rezende, filho do nosso presado amigo, o Snr. José Maria Dias de Rezende, importante industrial d'esta villa.

—E, para Manaus, partiu o nosso intimo amigo, o Snr. José Maria Pinto Catalão;

A proposito. Este nosso amigo pede-nos a publicação da seguinte:

DESPEDIDA

José Maria Pinto Cata ão, retirando-se para a cidade de Manaus, E. U. do Brazil, e não podendo, como era desejo seu, despedir-se de seus amigos, fal-o por este meio, pedindo desculpa d'aquella falta.

NECROLOGIA

Falleceu o snr. Francisco Rodrigues Formigal Junior, filho do nosso particular amigo, o snr. Francisco Rodrigues Formigal, da Travessa das Ribas, d'esta villa.

A' familia em lucto, os nossos sentidos pezames.

ANNOS

Completou, na passada segunda-feira, vinte risonhas primaveras, a menina Maria José Pereira dos Santos.

Os nossos sinceros parabens.

PRAIA DO FURADOURO

Hoje, de tarde, na praia do Furadouro, se o tempo o permittir, haverá musica, das 3 ás 6 horas pelo bando dos «Bombeiros Voluntarios», e, á noute, mastro, danças, descantes populares, illuminação, etc.

E, se houver trabalho, de pesca, ainda maior será a festa.

REWOLVER

Perdeu-se um da Praça á rua de S. Bartholomeu. Quem o achar póde entregal-o n'esta redacção onde se diz quem é o seu dono.

CAMARA MUNICIPAL D'OVAR

Construcção d'uma fonte

A Camara Municipal do concelho d'Ovar faz publico que, no dia 10 do proximo mez de Outubro, pelas 10 horas da manhã, na sala das suas sessões, arrematará a construcção da nova fonte do Cazal no logar do mesmo nome, d'esta villa, sendo a base de licitação de 310$000 reis, incluindo a expropriação do terreno para a dita construcção. A respectiva planta, orçamento e condições, acham-se patentes na secretaria da Camara, todos os dias uteis, desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde.

Ovar e secretaria da Camara Municipal, 16 de Setembro de 1909.

O Presidente,
Joaquim Soares Pinto.

AO COMMERCIO

Abel Guedes de Pinho, participa ao publico em geral, que, tendo despedido do serviço de sua casa, o empregado de menor edade Abilio da Silva Abreu, filho de João da Silva Abreu, da rua da Graça, d'esta villa, por infidelidade, pois além de differentes cousas que lhe faltam no seu estabelecimento, faltam-lhe cartas commerciaes em branco, não toma responsabilidade por qualquer transacção que, em seu nome, seja feita, sem que as cartas levem o carimbo da casa.

Agradecimento e Convite

Francisco Rodrigues Formigal, mulher e familia agradecem, reconhecidissimos, a todas as pessoas, que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de seu saudoso filho Francisco e bem assim ás que lhes prestaram serviços pela mesma occasião, protestando a todas o seu eterno reconhecimento.

E, aproveitam o ensejo de convidar os seus amigos para a missa do 7.º dia, que por alma do finado se celebrará no dia 11 do corrente, no colegio das irmãs Dorotheias d'esta villa, pelas 6 1|2 horas da manhã.

ADOBES

Bem fabricados e de bôa massa. Terra propria para construcções solidas. Vende a preços convidativos.

FRANCISCO CORRÊA DIAS

Rua do Loureiro
OVAR.

OFFICINA DE GUARDA-SOES
DE
Antonio da Fonseca Bonito
Rua dos Ferradores
(Arruella)
OVAR

N'esta officina encontra-se á venda um variado sortido de guarda-soes de brilhantina setim, alpaca, lanzinha, e d'outros tecidos, por preços baratissimos;

Ha tambem bengalas, e encastoam-se estas em prata e outros metaes.

Concertam-se guarda-soes e cobrem-se de novo, em uma hora, havendo tambem lindos cabos avulsos para os mesmos.

Concertam-se armas e revolveres e continua-se a fazer christos em prata, metal branco e amarello para rozarios e redomas, varas de prata para imagens de S. José, alfaias de egreja e ornamentos para redomas e oratorios.

Concertam-se, limpam-se e coram-se castiçaes, salvas, lampadas, bules, paliteiros, resplendores, corôas e todas as pratas.

Encadeiam-se rozarios e terços com fio de prata, ou qualquer arame, e fazem-se todos os trabalhos concernentes á sua arte, por preços muito modicos e com promptidão.

—Ha tambem á venda grande sortido de calçado para homem e creança, sapatos de verniz e de côr, chinellos, tamancos para mulher, para homem e creança.

Mercearia, Tintas, Ferragens e Miudezas
ARMAZEM DE
CEREAES E LEGUMES
DE
ABILIO JOSE' DA SILVA
CIMO DE VILLA
OVAR

N'este estabelecimento, o mai importante que se acha ao nass cente da linha ferrea, em Ovar, encontrará o publico o mais completo sortido que possa haver em casas n'este genero, por preços os mais rasoaveis do Mercado.

VENDA DE PREDIOS
EM
OVAR

Vendem-se duas moradas de casas, sitas na rua da Pôça e Viella do Mattos.

Um palheiro na costa do Furadouro junto da Fabrica de Conservas e quatro Pinhaes sitos nas Mattas do Brejo e Enxemil.

Tratar com

FRANCISCO LOPES
CADAVAL
(ou Manoel Gomes Laranjeira)

R. DA GRAÇA

Cazas

Vende-se um bom predio de cazas com armazem por baixo, vinha e arvores de fructa, e dois caminhos de pé e carro.

Quem pretender dirija se a José Leite Brandão, o «*Midéia*» da rua dos Maravalhas.

ADEGA DO LUZIO

Do entrudo a esta data
Que de folga tenho 'stado,
N'uma vida tão pacata,
Tão sanfinha, tão beata,
Que me sinto .. *abeatado* .

Todavia, em *tempo santo*,
Não extranhe, pois, *voceucia*,
Que, mettido n'este *canto*,
Tenha só tratado tanto,
De *limpar a consciencial*...

E s'alguem quizer *limpal-a*,
Ficar limpo, bem limpinho,
Tão limpinho, que regala,
Deixem lá fallar quem falla,
— Do **Luzio** gastem vinho...

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, geropigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.

Garante-se a pureza de todos os artigos

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

— LARGO DA PRAÇA —

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possivel aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Deposito do Café Moido Especia

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

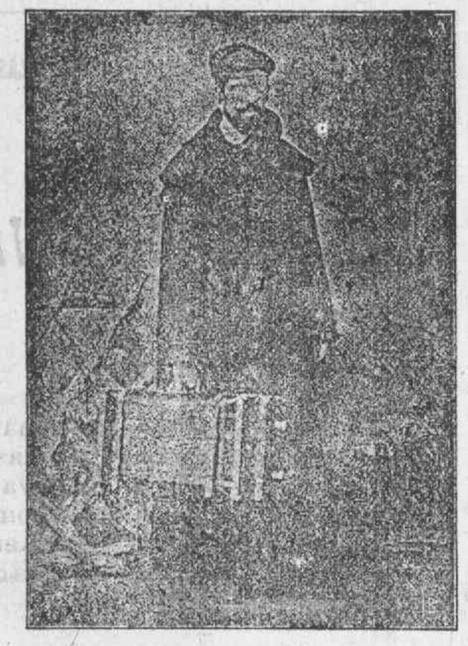
MONTEIRO & GONÇALVES

RUA DOS MERCADORES, 171 — **NÃO CONFUNDIR COM IMITAÇÕES**

A UNICA NO GENERO QUE TRABALHA MAIS BARATO

NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos **PORTO.**



O GABÃO ELEGANTE

— DE —

AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho mais conveniente e elegante contra o

Frio, Vento e Chuva

e o mais commodo para viagem. E se quereis o verdadeiro só o encontrareis na

ALFAIATERIA DA MODA

de ABEL GUEDES DE PINHO

ALFAIATE NATURAL DA CIDADE DE AVEIRO

DEPOSITO DE BYCICLETTE

RILEY

E outras marcas; todas as peças precisas para as mesmas. Concertam-se bycicletes

Preços sem competencia

Machinas de Costura das bem conhecidas e acreditadas marca „Opel".

DEPOSITO DE CALÇADO

As machinas de costura da acreditada marca «OPEL» são, indubitavelmente, as unicas que poderão preenche todas as exigencias no freguez—leves de andamento, podem ser usadas por pessoas de qualquer idade; o seu ponto elegante torna estas machinas preferiveis a qualquer das outras marcas, sendo tambem de um encantador e maravilhoso effeito em todos os trabalhos em bordadura, razões porque estão sendo usadas, de preferencia nos grandes atelieres de modista e alfaiate das principaes terras estrangeiras. Não comprem, pois, machinas de costura, sem verem as da marca «OPEL». Dão-se todas as instrucções e ensina-se o bordar gratuitamente.

Vendas a prestações de 500 réis semanaes.

Há á venda todos os accessorios, taes como: Oleo, vazelina para conservar os nickelados, agulhas para todas as marcas, etc., etc.

Concertam-se machinas de costura de todas as marcas e acceitam-se machinas velhas em troca das novas.

Preços muito reduzidos.

ABEL GUEDES DE PINHO

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48 —OVAR

OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

DE

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina, vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encommenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encommendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente.